



Tiago Dias de Souza\*  
Jeferson César Freitas Carvalho\*\*

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar qual seria, de acordo com o contexto imediato de Gênesis 1, o melhor significado para o termo רָקִיָּא' (rāqîa') (firmamento), que, ao ser aplicado no texto, possa se aproximar do real intuito do autor de Gênesis ao se referir à palavra “firmamento” no capítulo 1:6-8;14-19. Para isso, será realizada uma análise das alegações de alguns teólogos a respeito do referido termo, comparando as diferentes fontes bibliográficas e suas interpretações quanto ao uso da palavra hebraica רָקִיָּא' (rāqîa'), especialmente quando mencionada no contexto da criação em Gênesis 1. O entendimento do sentido real da palavra רָקִיָּא' (rāqîa') é de fundamental importância para compreender a que o autor do relato bíblico de Gênesis estava se referindo quando emprega a terminologia רָקִיָּא' (rāqîa') (firmamento) em Gênesis 1:6-8;14-19.

**Palavras-chave:** Firmamento. Atmosfera. Céu. רָקִיָּא' (rāqîa').

## Analysis of theological claims of the term רָקִיָּא' - rāqîa' - (firmament), in Genesis 1:6-8; 14-19 in the creation account

## ABSTRACT

This article aims to identify what would be, according to the immediate context of Genesis 1, the best meaning for the term רָקִיָּא' (rāqîa') (firmament), which, when applied in the text, can approach the real intention of the author of Genesis when referring to the word “firmament” in chapter 1:6-8;14-19. interpretations regarding the use of the Hebrew word רָקִיָּא' (rāqîa'), especially when mentioned in the context of creation in Genesis 1. of Genesis was referring to when he uses the terminology רָקִיָּא' (rāqîa') (firmament) in Genesis 1:6-8;14-19.

**Keywords:** Firmament. Atmosphere. Sky. רָקִיָּא' (rāqîa').

Análise das alegações teológicas do termo רָקִיָּא' - rāqîa' - (firmamento) em Gênesis 1: 6-8; 14-19 no relato da criação

## Introdução

Percebe-se que existe uma divergência considerável entre teólogos a respeito do uso do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) na Bíblia, especialmente quando este aparece no contexto da criação em Gênesis 1:6-8,14,15,17,19. Estudiosos como Davidson (1995), Lourenço (2011), Harris (2012), Boda e Mcconville (2013) entendem o termo como uma referência à atmosfera terrestre, podendo até mesmo compreender os limites do universo; outros pesquisadores, como Haag (1970), Kidner (1979), Davis (1983), Bacon (2005) e Carson (2009) interpretam a רָקִיעַ (*rāqîa'*) como algo sólido. Strong (2005), Dorneles (2011), Macarthur (2019), dentre outros, identificam a רָקִיעַ (*rāqîa'*) apenas como uma “expansão” ou “vastidão”.

Tendo em vista toda a discussão que existe em torno do uso do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento) – no que diz respeito ao contexto da Criação –, torna-se importante realizar uma análise conceitual da palavra e do uso teológico do termo, com o intuito de buscar compreender como sua aplicação nos versos 14 a 19, onde existe a presença dos luzeiros (sol, lua e estrelas), uma vez que estes fazem parte da expansão celeste a qual conhecemos como “espaço sideral”, pode corresponder ao emprego da mesma palavra nos versos 1:6-8. Ao estudar o termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento), possivelmente, ter-se-á uma ideia mais clara a respeito do que o autor de Gênesis tinha em mente ao utilizá-lo no contexto do capítulo 1.

Neste caso, qual seria a melhor interpretação do termo comumente traduzido por “firmamento”, no contexto de Gênesis 1 e suas possíveis implicações exegéticas para com os atuais conceitos científicos a respeito do Universo?

O presente artigo busca analisar o uso da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) em Gênesis 1:6-8,14-19 realizando uma análise teológica conceitual do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) – sobre aquilo que os estudiosos apontam – ao longo do Antigo Testamento, em específico no capítulo 1. Para a realização da análise exegética desta pesquisa será utilizado o método histórico-gramatical de interpretação e os passos exegéticos básicos pertinentes a ele, conforme proposto por Ekkerhardt Muller (2018).

Esta pesquisa está dividida em quatro partes: na primeira parte encontra-se a introdução do assunto, onde são apresentados: (1) os textos bíblicos a serem analisados; (2) a problemática; (3) o propósito pelo qual escolheu-se este tema para o presente estudo; (4) a importância do tema para o campo teológico; (5) as limitações

observadas durante a realização da pesquisa; (6) a metodologia a ser utilizada na construção do artigo científico.

Na segunda parte encontram-se as delimitações teóricas e conceituais da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) nos textos em estudo. A terceira parte abordará os antecedentes históricos e culturais da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) entre os hebreus e povos vizinhos, na qual serão apresentadas as crenças de diferentes povos e culturas a respeito do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) e como isso pode ou não ter influenciado a interpretação do texto bíblico em estudo.

Na quarta parte encontra-se o conceito do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) na teologia, onde serão comparadas as opiniões de diversos estudiosos a respeito do assunto. Nesta seção serão discutidas as questões sobre o uso do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) no livro de Gênesis 1 e suas implicações exegéticas com relação à compreensão atual sobre o Universo.

Por fim, na conclusão, de forma descritiva, realizar-se-ão as considerações finais sobre esta pesquisa.

Vale destacar que não é o propósito do presente trabalho adentrar em aspectos da astronomia e da filosofia, os quais também têm sido campos de debates a respeito do tema envolvendo o termo hebraico רָקִיעַ (*rāqîa'*).

## **1 Delimitações teóricas e conceituais da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) nos textos em estudo**

Antes de analisarmos os antecedentes históricos e culturais do emprego da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) entre os hebreus e povos vizinhos, faz-se necessário familiarizarmos com os textos que fundamentam o objeto de estudo desta pesquisa em sua língua original e em diferentes traduções, conforme proposto por Merrill Tenney (2008, p. 864) – como segue na tabela abaixo –, para que possamos compreender a forma como o texto é apresentado em sua estrutura básica. Conseqüentemente, far-se-á, também, a delimitação da perícopes, com intuito de limitar o texto a ser analisado dentro do proposto neste artigo.

Espera-se que, a partir desta análise, seja possível identificar qual das opiniões dos autores, apresentadas nas seções seguintes, mais se harmonizam com o texto bíblico.

Tabela 1 - Apresentação de Gênesis 1:6-8, na língua hebraica, e nas traduções apresentadas por Merrill Tenney (2008)

VERSÃO	TEXTO	
HBS <sup>1</sup>	GN 1:6-8	<p>וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי רָקִיעַ בְּתוֹךְ הַמַּיִם וַיְהִי מִבְּדֵיל בֵּין מַיִם לְמַיִם:</p> <p>(Gen. 1:6)</p> <p>וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־הַרְקִיעַ וַיְבָדֵל בֵּין הַמַּיִם אֲשֶׁר מִתַּחַת לְרָקִיעַ וּבֵין הַמַּיִם אֲשֶׁר מֵעַל לְרָקִיעַ וַיְהִי־כֵן:</p> <p>(Gen. 1:7)</p> <p>וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לְרָקִיעַ שָׁמַיִם וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם שֵׁנִי: פ</p> <p>(Gen. 1:8)</p>
LXX <sup>2</sup>	GN 1:6-8	<p>Καὶ εἶπεν ὁ θεὸς Γενηθήτω στερέωμα ἐν μέσῳ τοῦ ὕδατος καὶ ἔστω διαχωρίζον ἀνά μέσον ὕδατος καὶ ὕδατος. καὶ ἐγένετο οὕτως. (Gen. 1:6) καὶ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸ στερέωμα, καὶ διεχώρισεν ὁ θεὸς ἀνά μέσον τοῦ ὕδατος, ὃ ἦν ὑποκάτω τοῦ στερεώματος, καὶ ἀνά μέσον τοῦ ὕδατος τοῦ ἐπάνω τοῦ στερεώματος. (Gen. 1:7) καὶ ἐκάλεσεν ὁ θεὸς τὸ στερέωμα οὐρανόν. καὶ εἶδεν ὁ θεὸς ὅτι καλόν. καὶ ἐγένετο ἑσπέρα καὶ ἐγένετο πρωί, ἡμέρα δευτέρα. (Gen. 1:8)</p>
VUL <sup>3</sup>	GN 1:6-8	<p><i>dixit quoque Deus fiat firmamentum in medio aquarum et dividat aquas ab aquis (Gen. 1:6) et fecit Deus firmamentum divisitque aquas quae erant sub firmamento ab his quae erant super firmamentum et factum est ita (Gen. 1:7) vocavitque Deus firmamentum caelum et factum est vespere et mane dies secundus (Gen. 1:8)</i></p>
KJV <sup>4</sup>	GN 1:6-8	<p><i>And God said, Let there be a firmament in the midst of the waters, and let it divide the waters from the waters. (Gen. 1:6). And God made the firmament, and divided the</i></p>

<sup>1</sup> Sigla em inglês referente à Bíblia Hebraica Stuttgartensia.

<sup>2</sup> Sigla referente à tradução do Antigo Testamento para o grego, a *Septuaginta*.

<sup>3</sup> Sigla referente ao uso da Tradução da Bíblia Sagrada para o latim, feita por São Jerônimo, conhecida como *Vulgata Latina*.

<sup>4</sup> Sigla em inglês para a Bíblia apresentada na versão *King James Version*.

		<i>waters which were under the firmament from the waters which were above the firmament: and it was so. (Gen. 1:7) And God called the firmament Heaven. And the evening and the morning were the second day. (Gen. 1:8)</i>
<b>ARA<sup>5</sup></b>	<b>GN 1:6-8</b>	E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. (Gen. 1:6) Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez. (Gen. 1:7) E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve tarde e manhã, o segundo dia. (Gen. 1:8)

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 2 - Apresentação de Gênesis 1:14-19, na língua hebraica, e nas traduções apresentadas por Merrill Tenney (2008)

VERSÃO	TEXTO	
<b>HBS</b>	<b>GN 1:14-19</b>	<p>וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי מֵאֲרֶת בְּרָקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַבְדִּיל בֵּין הַיּוֹם וּבֵין הַלַּיְלָה וַהֲיִי לְאֹתוֹת וּלְמוֹעֲדִים וּלְיָמִים וּשְׁנָיִם:</p> <p>(Gen. 1:14)</p> <p>וַהֲיִי לְמֵאוֹרֶת בְּרָקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַאֲרִיךְ עַל־הָאָרֶץ וַיְהִי־כֵן:</p> <p>(Gen. 1:15)</p> <p>וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־שְׁנֵי הַמְּאֹרֹת הַגְּדֹלִים אֶת־הַמְּאֹר הַגָּדֹל לְמַמְשֵׁלֵת הַיּוֹם וְאֶת־הַמְּאֹר הַקָּטָן לְמַמְשֵׁלֵת הַלַּיְלָה וְאֵת הַכּוֹכָבִים:</p> <p>(Gen. 1:16)</p> <p>וַיִּתֵּן אֹתָם אֱלֹהִים בְּרָקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַאֲרִיךְ עַל־הָאָרֶץ:</p> <p>(Gen. 1:17)</p> <p>וּלְמִשְׁלַל בַּיּוֹם וּבַלַּיְלָה וּלְהַבְדִּיל בֵּין הָאֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ וַיִּרְא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב:</p> <p>(Gen. 1:18)</p> <p>וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם רִבְעִי: פ</p> <p>(Gen. 1:19)</p>

<sup>5</sup> Sigla que aponta o uso da versão bíblia, em português, Almeida Revista e Atualizada.

<p><b>LXX</b></p>	<p><b>GN 1:14-19</b></p>	<p>Καὶ εἶπεν ὁ θεὸς Γενηθήτωσαν φωστῆρες ἐν τῷ στερεώματι τοῦ οὐρανοῦ εἰς φαῦσιν τῆς γῆς τοῦ διαχωρίζειν ἀνὰ μέσον τῆς ἡμέρας καὶ ἀνὰ μέσον τῆς νυκτὸς καὶ ἔστωσαν εἰς σημεῖα καὶ εἰς καιροὺς καὶ εἰς ἡμέρας καὶ εἰς ἔνιαυτοὺς (Gen. 1:14)</p> <p>καὶ ἔστωσαν εἰς φαῦσιν ἐν τῷ στερεώματι τοῦ οὐρανοῦ ὥστε φαίνειν ἐπὶ τῆς γῆς. καὶ ἐγένετο οὕτως. (Gen. 1:15)</p> <p>καὶ ἐποίησεν ὁ θεὸς τοὺς δύο φωστῆρας τοὺς μεγάλους, τὸν φωστῆρα τὸν μέγαν εἰς ἀρχὰς τῆς ἡμέρας καὶ τὸν φωστῆρα τὸν ἐλάσσων εἰς ἀρχὰς τῆς νυκτὸς, καὶ τοὺς ἀστέρας. (Gen. 1:16)</p> <p>καὶ ἔθετο αὐτοὺς ὁ θεὸς ἐν τῷ στερεώματι τοῦ οὐρανοῦ ὥστε φαίνειν ἐπὶ τῆς γῆς (Gen. 1:17)</p> <p>καὶ ἄρχειν τῆς ἡμέρας καὶ τῆς νυκτὸς καὶ διαχωρίζειν ἀνὰ μέσον τοῦ φωτὸς καὶ ἀνὰ μέσον τοῦ σκότους. καὶ εἶδεν ὁ θεὸς ὅτι καλόν. (Gen. 1:18)</p> <p>καὶ ἐγένετο ἑσπέρα καὶ ἐγένετο πρωί, ἡμέρα τετάρτη. (Gen. 1:19)</p>
<p><b>VUL</b></p>	<p><b>GN 1:14-19</b></p>	<p><i>dixit autem Deus fiant luminaria in firmamento caeli ut dividant diem ac noctem et sint in signa et tempora et dies et annos (Gen. 1:14)</i></p> <p><i>ut luceant in firmamento caeli et inluminent terram et factum est ita (Gen. 1:15)</i></p> <p><i>fecitque Deus duo magna luminaria luminare maius ut praeesset diei et luminare minus ut praeesset nocti et stellas (Gen. 1:16 )</i></p> <p><i>et posuit eas in firmamento caeli ut lucerent super terram (Gen. 1:17)</i></p> <p><i>et praeessent diei ac nocti et dividerent lucem ac tenebras et vidit Deus quod esset bonum (Gen. 1:18)</i></p> <p><i>et factum est vespere et mane dies quartus (Gen. 1:19)</i></p>
<p><b>KJV</b></p>	<p><b>GN 1:14-19</b></p>	<p><i>And God said, Let there be lights in the firmament of the heaven to divide the day from the night; and let them be for signs, and for seasons, and for days, and years: (Gen. 1:14)</i></p>

		<p><i>And let them be for lights in the firmament of the heaven to give light upon the earth: and it was so. (Gen. 1:15)</i></p> <p><i>And God made two great lights; the greater light to rule the day, and the lesser light to rule the night: he made the stars also. (Gen. 1:16)</i></p> <p><i>And God set them in the firmament of the heaven to give light upon the earth. (Gen. 1:17)</i></p> <p><i>And to rule over the day and over the night, and to divide the light from the darkness: and God saw that it was good. (Gen. 1:18)</i></p> <p><i>And the evening and the morning were the fourth day. (Gen. 1:19)</i></p>
<p><b>ARA</b></p>	<p><b>GN 1:14-19</b></p>	<p>Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos. (Gen. 1:14)</p> <p>E sejam para luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra. E assim se fez. (Gen. 1:15)</p> <p>Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas. (Gen. 1:16)</p> <p>E os colocou no firmamento dos céus para alumiar a terra, (Gen. 1:17)</p> <p>para governarem o dia e a noite e fazerem separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que isso era bom. (Gen. 1:18)</p> <p>Houve tarde e manhã, o quarto dia. (Gen. 1:19)</p>

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Uma vez que o termo רָקִיעַ (*rāqīa'*) aparece em várias oportunidades no capítulo 1 do livro de Gênesis, conforme será detalhado no capítulo 3 deste artigo, faz-se necessário justificar a escolha dos versos 6-8 e 14-19 para a análise do termo.

Assim, ao analisar os delimitadores de perícopes presentes em Gênesis 1, percebe-se que os textos correspondentes ao segundo (Gn 1:6-8) e ao quarto dia da criação (Gn 1:14-19), se tratam de duas minis-perícopes, as quais apresentam,

respectivamente, a criação da רָקִיעַ (*rāqîa'*) e a presença dos luzeiros nesta. Pois, nos textos de Gênesis 1:6-8, é possível observar na BHS a presença do *petûha* (פ) antes do verso 6 – no espaço em branco que fica imediatamente entre o final do verso 5 e o início do verso 6 – e também consta antes do verso 8, exatamente no espaço em branco presente após o final do verso, demarcando, assim, portanto, o início e o fim do parágrafo, pois, de acordo com Francisco (2008), o *petûha* (פ) é um dos demarcadores de perícopes comumente utilizados no texto hebraico.

Também é possível observar o *petûha* (פ) no espaço em branco antes do verso 14, e também no espaço existente entre os versos 19 e 20, após a demarcação do fim do verso 19 feita pelo *sof pasuq*, o qual, de acordo com Francisco (2008, p. 174), “[...] assinala o término do versículo no texto bíblico, tanto nos códices massoréticos como também nas edições impressas da Bíblia Hebraica”.

Além dos fatores apresentados, outros que justificam a escolha destes textos (Gn 1:6-8; 14-19) para análise são: (1) A partir de uma leitura atenta de Gn 1, percebe-se que na mini-perícope correspondente ao segundo dia da criação (Gn 1:6-8) o termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) aparece pela primeira vez no texto bíblico, já apresentando a sua função – separar águas debaixo e águas sobre o רָקִיעַ (*rāqîa'*) (v.6-7) – e o seu conceito: “E chamou Deus ao firmamento Céus” (v.8); (2) na mini-perícope referente ao quarto dia da criação (Gn 1:6-8) o autor bíblico apresenta pela primeira vez a presença dos luzeiros no רָקִיעַ (*rāqîa'*) (v.14), bem como também suas funções (v.14-18).

Dentro de um contexto maior, conforme Waltke (2019, p. 15), tanto a porção concernente aos versos 6-8 quanto os textos dos versos 14-19 fazem parte de um panorama literário mais amplo. Este autor divide o livro de Gênesis em 10 partes diferentes, baseando-se na divisão estrutural conhecida como fórmula *toledoth*, a qual, de acordo com Dillard e Longman III (2006, p. 48), “[...] mostra com clareza a estrutura pretendida pelo autor da forma final do texto”. Waltke (2019, p. 15) ainda identifica os versos 1:1 até 2:3 como a porção referente ao que ele chama de “prólogo” do livro de Gênesis, que, de acordo com ele, seria onde o autor bíblico faria “[...] a apresentação da criação do cosmo”. No entanto, para Kidner (1979), assim como para Ellisen (2007, p. 20), Lasor, Hubbard e Bush (2002, p. 16) o livro de Gênesis se divide em apenas duas partes, sendo que a primeira parte compreende os capítulos 1-11, versando a respeito da “[...] ordenada criação realizada por Deus, até o seu clímax no homem como ser responsável e abençoado” (KIDNER, 1979, p. 13).

Em conformidade com o exposto por Waltke (2019), o contexto amplo que envolve Gn 1:6-8;14-19, pode ser observado da seguinte maneira:

**Tabela 3:** Apresentação da perícope e de sua estrutura

Declaração resumida sobre a criação do universo	1.1
Estado negativo da terra antes da criação	1.2
Criação por meio da palavra de Deus	1.3-31
Declaração resumida sobre a criação do universo	2.1
Epílogo: Descanso do Sábado	2.2-3

Fonte: Waltke (2019, p. 63).

Sendo assim, percebe-se que o contexto em que se encontram os versos 6-8 e 14-19 se encaixa no gênero literário conhecido como “narrativa histórica”, o qual, segundo King (2007, p. 153), compreende “quase a metade do Antigo Testamento”.

Uma vez demonstradas as delimitações teóricas e conceituais do uso do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) no contexto da criação, faz-se necessário analisar a possível existência de fatores históricos e/ou culturais que possam ter influenciado o emprego desta palavra ao longo do tempo, com o fim de identificar o que, possivelmente, tenha levado os estudiosos a terem diferentes visões referentes ao uso do termo e, além da identificação destes fatores, comparar as nuances presentes nas diferentes interpretações feitas à respeito do termo analisado.

## **2 Antecedentes históricos e culturais do emprego da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) entre os hebreus e povos vizinhos**

A ideia de solidez atribuída ao termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento) pode ser encontrada nas mitologias de diversos povos, como, por exemplo, na mitologia babilônica, na qual se conta que “Marduque usou metade do cadáver de Tiamate para formar os céus (*shamamu*), mantidos em seu lugar com o auxílio de uma viga [...]”, conforme destaca Harris (2012, p. 1455).

Champlin (2001) descreve essa lenda babilônica dando um pouco mais de detalhes. Para ele, o pensamento hebraico a respeito do רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento) pode ter sido influenciado pela cultura dos povos vizinhos:

As lendas babilônicas pintavam o corpo de Tiamate que teria sido dividido por Marduque. Metade tornou-se o firmamento, que represava as águas acima, separando-as das águas deixadas cá embaixo. Os eruditos do hebraico dizem que a antiga cosmogonia dos hebreus falava em uma espécie de taça invertida, que pairava por sobre a terra, tocando-a em duas extremidades (CHAMPLIN, 2001, p. 12).

Para Champlin (2001), indicar o firmamento como uma “expansão, espaço ou céu estrelado” é o mesmo que ignorar a crença que os hebreus tinham na época em que o texto fora concebido. Ele entende que pode ter havido, na realidade, um “empréstimo de ideia por parte do autor sagrado” (CHAMPLIN, 2001, p. 12).

De acordo com a alta crítica, há relatos de diversos povos, em diferentes lugares do mundo que, devido a sua “ingenuidade” científica, acreditavam que o céu fosse constituído de matéria sólida, traduzindo este pensamento em forma de lendas e mitos. Este era um pensamento inerente, inclusive, a povos vizinhos aos hebreus (SEELY, 1991). Povos estes que, de acordo com Seely (1991), possuíam um conhecimento científico mais avançado do que o povo hebreu. Com isso, alguns pretendem afirmar que, levando em consideração a crença desses povos – do céu como algo sólido – e também o avanço científico destes em relação aos considerados mais “ingênuos” quanto ao avanço científico na época, dificilmente os hebreus teriam um pensamento diferente do deles. Ainda quanto ao argumento que o רָקִיעַ (rāqîa') (firmamento) ou céu seria algo realmente sólido, na crença hebraica, bem como na cosmogonia dos demais povos antigos, aponta-se ainda que:

Somente tirando Gênesis 1 de seu contexto histórico, pode-se dizer que רָקִיעַ (rāqîa') significa apenas “uma extensão atmosférica” ou, como dizem os conservadores mais sofisticados, “apenas uma linguagem fenomenal”. No mundo antigo o céu não era apenas fenomenal. Os antigos não se referiam apenas a aparência do céu como sendo sólido. Eles concluíram pela aparência que o céu era realmente sólido, e eles então empregaram essa conclusão em seu pensamento sobre astronomia, geografia e ciências naturais. O רָקִיעַ (rāqîa') era para eles uma parte física literal do universo, tão sólida quanto a terra em si. A solidez é parte integrante de seu significado histórico. Quando os leitores originais de Gênesis 1 leram a palavra רָקִיעַ (rāqîa') eles pensaram em um céu sólido. E o mesmo aconteceu com praticamente todos os outros até a época do Renascimento! Após o tempo de Cristo houve dissidentes ocasionais, mas em geral, judeus e cristãos, gregos e bárbaros, todos acreditavam que o firmamento era sólido (SEELY, 1991, p. 236, tradução nossa).

Este autor argumenta ainda que “o fato histórico básico que define o significado de רָקִיעַ (rāqîa') em Gênesis 1 é simplesmente isso: todos os povos do mundo antigo

pensavam no céu como sólido” (SEELY, 1991, p. 237). De acordo com esse raciocínio, busca-se inferir que, dada a ingenuidade quanto ao conhecimento científico ou astronômico do povo hebreu, o autor de Gênesis realmente acreditava que o céu fosse sólido.

Walton, Matthews e Chavalas destacam que “embora no mundo antigo o firmamento geralmente fosse concebido de maneira mais concreta do que o entendemos hoje, não é a sua composição física que realmente importa, mas sim sua função” (WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2018, p. 31-32). Ou seja, a importância do firmamento para os povos antigos não está na sua descrição física, pois apenas descreviam aquilo que viam, mas na função de controlar a umidade e a luz do sol.

No entanto, ao longo da história, percebe-se que o uso da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento) tem sido utilizada de diferentes formas. Quanto a esta discussão, no que diz respeito ao campo da cosmologia bíblica, Harris (2012) afirma que o princípio deste debate se deu quando a LXX traduziu a palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento) para o grego como *estereoma*, passando a dar vazão ao sentido de uma estrutura firme e sólida. Boda e Mcconville (2013) reafirmam essa posição, pois acreditam que o conceito da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento) como referência a algo sólido seja fruto de um período posterior referente às traduções feitas tanto na Vulgata Latina como também na Septuaginta (BODA; MCCONVILLE, 2013). Este argumento, possivelmente, tende a abrir margem para o viés argumentativo de que não haja, no contexto histórico-bíblico, registros que justifiquem o sentido da palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento) como sendo algo sólido antes desta ser traduzida para a LXX.

Para Dal Fabbro (2003, p. 83), por exemplo, a palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) teria sido bem traduzida para o latim como “*firmamentum*” por Jerônimo. No entanto, somente “após o latim eclesiástico, a palavra teria adquirido um novo sentido, ‘abóbada celeste’, sentido este que não teria existido originalmente na tradução de São Jerônimo e, muito menos, no texto hebraico.”

Walton, Matthews e Chavalas (2018, p. 33) esclarecem que apesar de Israel fazer parte de “um amplo complexo cultural” que era latente no antigo Oriente, isso não muda a teologia e muito menos anula a inspiração divina porque “[...] visto que a revelação envolve uma comunicação efetiva, era de esperar que, sempre que possível, Deus usasse elementos conhecidos e familiares para comunicar-se com seu povo”.

Diante do exposto, percebe-se que as opiniões quanto ao uso do termo se dividem entre autores que consideram uma possível ingenuidade quanto ao conhecimento científico ou astronômico do povo hebreu. Esses defendem que, devido a essa aparente ingenuidade, os hebreus foram levados a refletir a crença comum dos demais povos de que o céu fosse algo sólido, o que explicaria, segundo eles, o fato do autor de Gênesis identificar os astros celestes como parte do firmamento. Outros estudiosos, no entanto, defendem que o autor bíblico estava apenas descrevendo que era possível por meio da observação, e que, além disso, o termo firmamento só ganharia sentido de algo sólido após uma mudança no período em que a tradução fora feita por São Jerônimo. Outros ainda defendem que possivelmente o próprio Jerônimo não teria em mente algo sólido ao se referir ao céu como firmamento. Estes autores, por sua vez, advogam que o termo provavelmente não teria sido usado com sentido de algo sólido anteriormente à essa tradução.

Portanto, dadas as diversas possibilidades apontadas nesta seção, é necessário ainda analisar o uso teológico e contextual do termo רָקִיעַ (firmamento) no contexto da Criação, com o objetivo de verificar elementos que direcionem para uma melhor compreensão do uso do termo em Gênesis 1.

### 3 Conceitos do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) na teologia

Segundo o professor de Antigo Testamento William Holladay (2010), a palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) é um substantivo comum masculino singular absoluto. Ela aparece no texto bíblico, sozinha ou acompanhada pelo artigo ה. Também pode aparecer acompanhada pelo marcador de objeto direto אַת, além da preposição ל.

Sua forma no construto é בִּרְקִיעַ (*birqîa'*) (Gen. 1:14 BHS) que, de acordo com Holladay (2010), trata-se do substantivo comum masculino singular רָקִיעַ (*rāqîa'*) antecedido pela preposição ב:

A palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) aparece, sem acompanhamento, três vezes no AT, sendo duas em Gênesis (Gn 1:6, 20) e uma em Ezequiel 1:22. Porém, também é possível vê-la na forma לְרָקִיעַ (*lārāqîa'*) (Gen. 1:7 BHS), onde aparece acompanhada pela preposição ל e pelo artigo ה. Nessa forma, aparece cinco vezes, duas em Gênesis 1:7, uma vez em Gn 1:8 e duas vezes em Ezequiel (Ez 1:25, 26). אֶת־הַרְקִיעַ ('*ét*

*hārāqîa'*) (Gen. 1:7 WTT) aparece cinco vezes (Gn 1:7, Sl 19:2, Ez 1:23, Ez 10:1, Dn 12:3), sendo que somente em Genesis 1:7 a palavra aparece acompanhada pela partícula acusativa אֶת (*'êṭ*), que é um marcador do objeto direto. No construto בְּרָקִיעַ (*birqîa'*) (Gen. 1:14 BHS), aparece quatro vezes (Gn 1:14, Gn 1:15, Gn 1:17, Sl 150:1). Sendo assim, é possível afirmar que a palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) surge 17 vezes em todo o Antigo Testamento, sendo que, em nove destas oportunidades, encontra-se em Gênesis, capítulo 1 (HOLLADAY, 2010).

Holladay (2010) afirma que o termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) pode significar prato de metal batido ou firmamento – abóbada do céu, entendida como uma cúpula sólida. Seguindo nessa mesma argumentação, apesar de apontar o termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) como “uma palavra difícil”, Tenney (2008, p. 864) indica que o termo pode se referir à abóbada celeste.

James Strong (2002, p. 992), ex-professor de teologia exegética no Drew Theological Seminary, declara que a palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) significa “superfície estendida (sólida), expansão (plano com uma base, suporte), firmamento (referindo-se à redoma dos céus que sustenta as águas de cima)”. Para Strong, o termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) deriva da raiz רָקַע (*raqa'*) que significa “bater, bater com o pé, malhar, estender, espalhar”. Strong (2005) classifica a רָקִיעַ (*rāqîa'*) (firmamento), de forma simples, como expansão, uma espécie, aparentemente, de arco que pode ser visto no céu.

O orientalista inglês Benjamin Davidson (2018), que se aplicou nos estudos concernentes aos idiomas originais do Antigo Testamento, acrescenta ainda à palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) o significado de “expansão”. Enquanto isso, a Doutora Betty Bacon, professora de hebraico, a traduz como “firmamento” e destaca que “Em Isaías 40:19 o verbo da mesma raiz designa serviço em metais, onde o verbo ‘cobrir’ é ‘espalhar batendo’” (BACON, 2005, p. 53).

Para Dalfabbro (2002), deveria ser mantido para a palavra firmamento o sentido de “laminar”, dando a ideia de um “teto luminoso” como representação das “águas de cima”. De acordo com Charles F. Pfeiffer (2017), a palavra “*firmamentum*” utilizada na Vulgata expressa inadequadamente o termo hebraico *raqia*, que significa “expansão” e descreve a grande abóbada ou a expansão de céu estendida em volta da terra. Dito isto, para Pfeiffer, a palavra רָקִיעַ (*rāqîa'*) transmite o sentido de expansão ou extensão ao invés de algo sólido, como pode-se inferir do termo latim “*firmamentum*”.

Seely (1991) aponta o texto de Gênesis 1:14-18 como outra evidência de que a רָקִיעַ (*rāqīa'*) não seria uma atmosfera, mas sim algo sólido. Para ele, o fato de o sol, a lua e as estrelas serem colocados no firmamento, assim como o ato dos pássaros voarem sob ou abaixo da *raqiya* a caracterizam como uma parte sólida logo abaixo do espaço. Ele argumenta que “o fato histórico básico que define o significado de רָקִיעַ (*rāqīa'*) em Gênesis 1 é simplesmente isso: todos os povos do mundo antigo pensavam no céu como sólido” (SEELY, 1991, p. 237).

Em contrapartida, existe a premissa de que o conceito da palavra רָקִיעַ (*rāqīa'*) como referência a algo sólido seja fruto de um período posterior referente às traduções feitas tanto na Vulgata Latina como também na Septuaginta (BODA; MCCONVILLE, 2013).

Percebe-se também que a argumentação dada pela alta crítica de que a cosmogonia hebraica apresentava um conceito pré-científico referindo-se ao firmamento como algo sólido ou mesmo apoiado por pilares (2 Sm 22.8; Jó 26.11), contendo estrelas fixas, e de que a chuva descia do céu através de janelas (Gn 1:7; 7:11; Ml 3:10), é “hermeneuticamente fraca”, de acordo com Pfeiffer (2017), pois baseia-se numa leitura literal feita a partir de linguagens metafóricas. Ainda de acordo com este autor:

A metáfora poética óbvia, expressando a expansão do firmamento, é vista em Isaías 40:22 - Deus “estende os céus como cortina e os desenrola como tenda” (cf. Is 45.12). O AT descreve o firmamento como brilhante e transparente como o cristal, a safira, ou o vidro (Ex 24.10; Ez 1.22; Dn 12.3; Ap 4.6), revelando a obra das mãos de Deus (Sl 19.1) e o trono do seu poder (Sl 150.1) (PFEIFFER, 2017, p. 811-812).

Quanto ao uso do termo רָקִיעַ (*rāqīa'*), Boda e McConville (2013, p. 95) destacam que “na tradição mosaica de Gênesis 1, רָקִיעַ (*rāqīa'*) parece ser usado de forma intercambiável (grifo nosso), entre o nível atmosférico onde as aves voam e o nível planetário”, ao passo que em Ezequiel “parece ser uma superfície sólida que sustenta o trono de Javé. Alguém poderia argumentar que isso pode, por sua vez, ter alguma conexão para a área acima da cúpula de Isaías”.

Davidson (1995) afirma que provavelmente o uso do termo “firmamento” deve ser uma referência à atmosfera do planeta Terra. Dorneles (2011) declara que o termo faz referência a uma expansão, a qual era constituída de uma volumosa massa de

águas – neste sentido concordando com a definição de firmamento dada por Dalfabbro – e que veio a ser separada em duas expansões, que seriam: as águas sobre o firmamento (vapor d'água) e as águas abaixo do firmamento, constituída pelos mares e oceanos.

Davis afirma que o termo רָקִיעַ (*rāqīa'*), comumente traduzido como firmamento, tem o conceito de:

Suporte; uma base firme. O céu (Gen 1:8), uma extensão derrotada por assim dizer, se empregarmos a figura incorporado na palavra hebraica (Ez 1:22), que dividiu a massa aquosa primitiva (Gen 1:6), de modo que parte das águas era acima dele e outra parte estava abaixo dele. As estrelas e planetas foram colocados nele, onde eles se movem não impedidos (Gn 1:14,17). Os pássaros voam na frente (20, R.V. margem). Os céus, e presumivelmente o firmamento, são comparados a uma tenda espalhada acima da terra (Sl 104:2; Is 21:22), são comparados em força a um espelho fundido (Jó 37:18), e são mencionados como se fossem tendo portas e janelas, através das quais a chuva derrama e as bênção de Deus descem (Gn 7:11; 2 Reis 7: 2; Sl 77:23; 104:13). A concepção era atual no pensamento semítico antigo. A doutrina da divisão do caos do fluido primordial não é inaceitável ao pensamento moderno; outras características são consideradas ingênuas. Elas não são ensinadas nas Escrituras como fato. Eles permaneceram na fala e nas imagens hebraicas como herança e foram usados em escritos poéticos e em prosa, mesmo quando, por exemplo, a agência das nuvens em trazer chuva foi entendida (Gen. 9:14; Jó 26:8; 36:27-29; 37:11; 38:34; Ps. 77:17; 135:7; Is. 5:6; Jer. 10:13) (DAVIS, 1983, p. 244, tradução nossa).

Quanto à ideia de que o firmamento seria na mente dos antigos algo sólido, o Comentário da Bíblia de Jerusalém (1973, p. 31) diz: “a aparente ‘abóbada’ do céu era, para os antigos semitas, uma sólida cúpula que retinha as águas superiores”. No entanto, é importante destacar a afirmação feita por Dalfabbro de que a ideia de uma abóbada celeste não é presente, segundo ela, no pensamento de São Jerônimo ao traduzir רָקִיעַ (*rāqīa'*) como *firmamentum*, como já demonstrado anteriormente.

No entanto, Botterweck, Ringgren e Fabry (2004, p. 651), destacam que, a respeito do conceito de רָקִיעַ (*rāqīa'*) como algo semelhante a um “prato celestial”, não há “análogo convincente na Mesopotâmia e na Síria”. Acrescentam ainda que nos “períodos Neobabilônico e Aquemênida não exibem vestígios de um firmamento”.

Por outro lado, Kidner (1979) concorda com o pensamento de que o autor teria em mente algo sólido ao utilizar a palavra firmamento. Sobre isso, ele diz:

O verbo subjacente a firmamento (raqia') significa bater ou cunhar {cf. Ez 6:11}, muitas vezes usado em conexão com metal batido. Jó 37:18 mostra que não devemos perfazer esta palavra atribuindo-lhe o sentido de

“expansão” ou “atmosfera”: “Você pode, como ele, entender (tarqia\*) os céus, sólido como um espelho fundido (isto é, como metal fundido e polido)?”, RSV. (KIDNER, 1979, p. 45).

Para Kidner (1979), o autor estava utilizando uma linguagem figurada, da mesma forma que se utiliza a expressão “abóbada celeste” também para se referir ao firmamento.

Moody, apesar de entender que רָקִיעַ (rāqîa') faz menção a uma “expansão no meio das águas” (HARRISON; PFEIFFER, 1965, p. 9), destaca que o termo representa algo que foi batido ou pressionado para cobrir uma superfície extensa. Para ele, “o escritor sugere aqui uma expansão acima da terra, retendo grandes reservatórios de água a serem soltos para a chuva”. Macarthur (2019, p. 88) endossa este pensamento ao afirmar que “a palavra hebraica se refere a algo estendido”. Ele se refere ao firmamento como uma “vastidão [...] entre a água que permanecia na terra e a água que agora se eleva acima da vastidão”.

Lançando luz ao assunto, Brown, Fitzmywer e Murphy (2007, p. 64) sugerem que o firmamento é algo como “um imenso prato côncavo no meio das águas que abrange a tudo, criando um imenso buraco entre a água na parte de cima e na inferior”. Eles apresentam ainda o significado de *firmamentum* na vulgata, “suporte”. No entanto, para eles, esse significado não é satisfatório quanto ao uso da palavra no hebraico, o qual eles classificam como “algo aplainado a marteladas”, o que se assemelha ao conceito dado por Haag (1970, p. 711), quando este define a רָקִיעַ (rāqîa') como uma derivação de רָקַע (raqa') que, de acordo com ele, corresponde a “golpear o metal com um martelo”.

Em Carson (2009, p. 78), o firmamento é concebido como uma espécie de “cofre” que preserva as águas de cima. Para ele, “o céu parece ser uma cúpula que impede que a água caia em forma descontrolada na terra”. Seguindo esse mesmo pensamento, Haag destaca que “Fundamentando-se no que aparece à vista, os israelitas, conforme as ideias orientais comuns à época, imaginavam a Terra coberta por um cofre em forma de cúpula” (HAAG, 1970, p. 711).

Em contrapartida, Harris assegura que, quando Moisés utiliza o termo רָקִיעַ (rāqîa'), ele o faz pensando num “espaço aberto dos céus, no qual as aves voam [...] ou seja, a atmosfera, e aquela imensidão mais distante, onde Deus colocou ‘luzeiros

... para [assinalar as] estações [...], ou seja, o espaço sideral' [...]" (HARRIS, 2012, p. 1455).

Semelhantemente, Lourenço afirma que “o firmamento se inicia na superfície da Terra e vai até o seu limite final, nas extremidades do universo” (LOURENÇO, 2011, p. 126). Ele faz esta colocação baseando-se no contexto imediato presente no verso 8, em que Deus chama o firmamento de “Céus”, no plural. Posteriormente, Deus cria os corpos celestes no firmamento conforme os versos 14 e 20. Ele cria as aves para voar sob (embaixo) o firmamento. Para Lourenço, existe no texto uma clara distinção entre a atmosfera terrestre na qual encontram-se as aves que voam, e o céu sideral ou universo, que é a parte do firmamento onde estão os corpos celestes. Essa distinção, segundo ele, é coerente com o que se lê em 2 Coríntios 12.2: “conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se foi no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe” (LOURENÇO, 2011, p. 127). Para ele, a existência de um terceiro céu, confirmada por Paulo em 2 Co 12:2, deixa clara a existência de um primeiro e de um segundo céu.

Sendo assim, quanto ao uso teológico do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) em Gênesis capítulo 1, percebe-se que as opiniões dos estudiosos têm se dividido entre aqueles que entendem ser apenas uma menção à atmosfera terrestre, e os que defendem o fato de o termo ser uma menção também ao espaço sideral. Outra discussão presente é sobre o uso da palavra em Gênesis ser uma referência a um céu literalmente sólido no imaginário hebraico, assim como era crença dos demais povos do Antigo Oriente, ou se apenas utilizou-se uma linguagem poética com intuito de facilitar o entendimento, baseando-se em uma crença geral dos povos antigos.

## Conclusão

O presente trabalho de pesquisa se propôs a analisar o uso do termo רָקִיעַ (*rāqîa'*) em Gênesis 1, devido os debates existentes no campo teológico a respeito do uso do termo e seus possíveis significados, bem como às alegações feitas pela alta crítica de que a cosmogonia hebraica teria em mente um céu literalmente sólido – conforme apresentado através de lendas e mitos dos povos vizinhos. Buscou-se realizar uma análise conceitual do termo hebraico רָקִיעַ (*rāqîa'*), do uso teológico do mesmo e dos antecedentes históricos e culturais quanto ao uso da palavra רָקִיעַ.

(rāqîa'), com intuito de buscar compreender como a aplicação do termo hebraico em questão, nos versos 14-19, poderia corresponder ao emprego da mesma palavra nos versos 6-8, para que assim, possivelmente, se entendesse o que o autor de Gênesis teria em mente ao utilizar o termo רָקִיעַ (rāqîa') no contexto da criação.

Uma vez que o objetivo geral da pesquisa foi identificar, dentre as opiniões dos autores apresentados, qual mais se adequaria ao relato bíblico da criação, por intermédio de pesquisa exploratória descritiva, entende-se que a proposta principal fora alcançada, tendo em vista que a partir das demonstrações das delimitações teóricas e conceituais, das apresentações feitas dos antecedentes históricos e culturais e da análise referente aos conceitos do termo רָקִיעַ (rāqîa') no mundo teológico, identificou-se que apesar do livro de Gênesis se tratar de uma narrativa histórica, não se deve entender o termo רָקִיעַ (rāqîa') de forma literal, conforme o conceito moderno da palavra, pois é possível que este termo, ao ser traduzido para o latim "*firmamentum*", não teria conotação de solidez, pois, ao que tudo indica, essa conotação só foi incorporada ao termo após o latim eclesiástico. Além disso, uma vez que o relato da criação tem como um de seus objetivos combater as mitologias e "ideias pagãs", que eram fortes nos povos vizinhos que faziam parte do Antigo Oriente Próximo, e que inclusive haviam adentrado no meio do povo hebreu, o intuito do escritor bíblico seria destacar que, diferente das lendas – que atribuem o surgimento do céu à morte de um ser mitológico, o qual teria seu corpo dividido em duas partes, as quais formariam o firmamento ou a רָקִיעַ (rāqîa') –, o céu, na verdade, fora criado por um único Deus, a partir de Sua palavra. Outro fator que merece ser destacado é que, apesar de haver autores que indicam existir uma unanimidade quanto ao entendimento da רָקִיעַ (rāqîa') como algo sólido em todas as nações vizinhas ao povo hebreu, não há indícios de que isso tenha sido uma realidade em todas as nações do Antigo Oriente próximo, os quais poderiam comprovar esta argumentação.

Sendo assim, é possível inferir que a melhor interpretação para o uso da palavra רָקִיעַ (rāqîa') seria que este termo é utilizado, no contexto da criação, como menção tanto à atmosfera terrestre como à grande expansão celeste que vai até os limites desconhecidos do universo. Ou seja, pode ser utilizado de forma intercambiável, tendo o seu sentido definido dependendo do contexto.

## Referências

- BACON, B. **Estudos na Bíblia Hebraica**: exercícios de exegese. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985.
- Bíblia Sagrada. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- BODA, M. J.; MCCONVILLE, J. G. (Ed.). **Dicionário do Antigo Testamento: Profetas**. InterVarsity Press, 2013.
- BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. (Ed.). **Theological dictionary of the old testament**. Tradução de David E. Green. Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2004.
- BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2007.
- CARSON, D. A. *et. al.* **Comentário bíblico vida nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. Volume 1: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números. 2ª ed. São Paulo: Ed. Hagnos, 2001.
- DAL FABRO, D. Gênesis capítulos 1 e 2, 1-4 um estudo de traduções e exegese. **Sínteses**, Campinas, v. 8, p. 109-122, 2003.
- DAVIDSON, B. **Léxico analítico hebraico e caldaico**. Tradução de Daniel de Oliveira e William Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. 3ª ed. Tradução de Russell P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- DAVIS, J. D. **Dictionary of the bible**: fourth revised edition. Michigan: Baker Book House, 1983.
- DILLARD, R. B.; LONGMAN III, T. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- DORNELES, V.; CAVALCANTI, D.; NUNES, A. L. **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. Vol. 1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- EISSFELDT, O.; ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. **Bíblia hebraica stuttgartensia**. Barueri: Sbb, 1997.

ELLISEN, S. **Conheça melhor o Antigo Testamento**: um guia com esboços e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia. Tradução de Emma Anders de Souza Lima. 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

FISCHER, B. *et. al.* (Ed.). **Biblia sacra iuxta vulgatum versionem**. Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

FRANCISCO, E. de F. **Manual da bíblia hebraica**. 3ª ed. rev. ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HAAG, H. **Diccionario de la Biblia**. Barcelona: Herder, 1970.

HANHART, R. **Septuaginta**. Ed. Alfred Rahlfs. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

HARRIS, R. L. **Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida, 2012.

HARRISON, E. F.; PFEIFFER, C. F. **Comentário Bíblico Moody**. São Paulo: Imprensa Batista, 1965.

HOLLADAY, W. L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. Tradução Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KIDNER, D. **Gênesis**: Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1979.

KING, G. A. Interpretando a narrativa histórica do Antigo Testamento. *Em*: REID, G. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007

LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002.

LOURENÇO, A. J. B. **Gênesis 1 e 2**: a mão de Deus na criação. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011.

MACARTHUR, J. **Comentário bíblico MacArthur**: desvendando a verdade de Deus, versículo a versículo. Tradução de Eduardo Mano. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MULLER, E. Diretrizes para a interpretação das Escrituras. *In*: REID, G. W. **Compreendendo as Escrituras**: uma abordagem adventista. Tradução de Francisco Alves de Pontes. 2ª ed. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018.

PFEIFFER, C. F. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

REVELATION SEMINARS. **The holy Bible**: old and new testaments in the authorized King James Version. *[S.l.]*: Revelation Seminars, 1985.

SEELY, P. H. The firmament and the water above. **The Westminster Theological Journal**, v. 53, p. 227-240, 1991.

STRONG, J. **Dicionário Bíblico Strong**: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

STRONG, J. **New strong's exhaustive concordance**. Tennessee: Nelson Reference & Electronic, 2005.

TENNEY, M. C. **Enciclopédia da Bíblia**. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALLAS, M. W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTKE, B. K. **Comentários do antigo testamento**: Gênesis. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

Recebido em: 28/08/2023  
Aprovado em: 27/09/2023